



instalação *Painting*  
de pintura *Installation*

# behindthegreendoor M/18

por by BARAHONA POSSOLLO

instalação *Painting*  
de pintura *Installation*

# behindthegreendoor<sup>M/18</sup>

*por by* BARAHONA POSSOLLO

**30 de setembro a 17 de outubro 2020 • 15h às 20h**

*September 30th to October 17th 2020 - 3pm to 8pm*

**ANTIGO WC EX-TOILET • JARDIM CAMILO CASTELO BRANCO GARDEN**

Av. Duque de Loulé, Lisboa

## behindthegreendoor

### Instalação de Pintura de Barahona Possolo

#### SEXO E POLÍTICA

Difícilmente se poderá deixar de tratar esta instalação de pintura, quer quanto ao seu conteúdo, quer no particularíssimo contexto em que se expõe, pelo seu significado social e político.

Porquê evocar hoje cinco elementos naturais através de representações pintadas de cinco fetiches sexuais gay? Porquê expô-las num antigo urinol público, subterrâneo, que foi conhecido, in illo tempore, como local de encontros sexuais clandestinos, e reprimidos policialmente, entre homens, no lugar mais central da capital do que foi o primeiro império colonial cristão do mundo?

A resposta terá que destacar, provavelmente em primeiro lugar, a clara mensagem sócio-política transmitida por tais decisões.

Considerar que a transformação recente da atitude das sociedades ocidentais em relação à sexualidade, particularmente no que diz respeito aos direitos dos homossexuais, seja a condição determinante para que esta exposição se possa realizar é amplamente insuficiente.

O movimento internacional de luta pelas liberdades LGBT, ainda que rebelde e confrontador nos seus primeiros passos da época de Stonewall, optou

progressivamente por uma imagem pública conciliadora, reclamando a igualdade para as orientações sexuais hetero e homo (e depois não-hetero), os mesmos direitos ao amor, à constituição de família, ao casamento, com paciência e razoabilidade...A suplantação do modelo patriarcal dominante, a subversão do status quo que o acesso a esses mesmos direitos por casais de mulheres ou de homens, ou de pessoas que não são homens nem mulheres, necessariamente configura, foi deliberadamente secundarizada. Apelou-se, quantas vezes explicitamente, à tolerância. E a tolerância, que implica condescendência por parte do mais forte, - que se deve agradecer-lhe -, hierarquiza. (Tolerância para os judeus pedia Heidegger aos nazis alemães em 1933 para que eles não pudessem arvorar-se em mártires da História... ) Na concessão benevolente de direitos aos homossexuais podia, assim, sentir-se salvaguardado o modelo patriarcal tradicional que, ao mesmo tempo, ficava de consciência tranquila.

Ora esta instalação põe ostensivamente de lado a tolerância.

Aborda, sem rodeios, o tabu dos fetiches. Ao fazê-lo no contexto gay, expõe e assume as práticas inomináveis que os arautos da tradição e bons costumes sempre disseram ser inerentes à perversão homossexual.

Fazendo-o num antigo urinol público, subterrâneo, para mais, confronta o modelo dominante com os séculos de marginalização, repressão sexual e abuso de poder, de crueldade e injustiça a que os homossexuais foram (são) sujeitos.

Equiparando cada fetiche a um elemento, atribui-lhes uma qualidade natural, espontânea, elementar. Desconstrói de forma simples e lapidar a ideia da parafilia como desordem mental que não é, aliás, nada consensual entre psicólogos, sexólogos e psiquiatras.

Trazendo-os para o Marquês de Pombal, para o centro absoluto de Lisboa, confere-lhes uma visibilidade que os resgata da clandestinidade a que a ideologia cristã dominante sempre os obrigou.

Esta instalação afirma o carácter político do sexo.

Numa perspetiva Reichiana, marxista-freudiana, acentua que o controlo, mesmo a supressão, de comportamentos sexuais, sobretudo através da socialização na infância e adolescência, mas também pela coerção social sobre os adultos, se reveste de uma importância fundamental na formatação da estrutura psicológica individual de acordo com os princípios repressivos e autoritários da sociedade de classes, com o intuito de proteger as suas linhas de hereditariedade da propriedade. Se a castidade era imposta, num primeiro tempo, nas classes dominantes,

particularmente às mulheres patricias, a repressão sexual logo se tornou a regra para todas as classes sociais, porque a ideologia da classe dominante, ao tornar-se hegemónica, torna-se também aspiracional.

Da mesma forma, a rejeição (pública, pelo menos) de qualquer ligação a comportamentos tidos como mais “desviantes” por parte da própria comunidade gay revela a interiorização da repressão e a adesão ao modelo da tolerância “concedida”.

É a luta contra toda a repressão sexual e a sua superação, que (quase na perspetiva de Marcuse da “civilização que se baseia na permanente subjugação dos instintos humanos”), aqui está expressa.

Só ela, e de forma radical, poderá conduzir a um futuro alternativo.

**Leonel Pedroso Gonçalves**  
Sociólogo

*Lisboa, 25 de agosto 2020*

# behindthegreendoor

## Painting Installation by Barahona Possollo

### SEX AND POLITICS

It would be virtually impossible not to approach this painting installation through its social and political significance, both due to its contents and to its very distinctive setting.

Why evoke the 5 natural elements, today, in painted depictions of 5 gay sexual fetishes? Why show them in an underground ex-public urinal that was notorious, in its day, as a place of secret sexual encounters between men, often raided by the police, in the most central area of the capital city of what was the first Christian colonial empire in the world?

The answer to these questions should probably begin by stressing the clear social and political implications of such choices.

To consider the fairly recent changes in attitude towards sexuality, particularly gay sexuality, within western societies, the reason why this show is possible here and now, falls evidently short.

The international LGBT liberation movement, though rebellious and confrontational at the outset, in the Stonewall days, gradually opted for a conciliatory public image, demanding equal rights for hetero and homo (and later non-hetero) sexual orientations: - equal rights to love, to build families and to

marry -, with forbearance and equanimity... The overcoming of the patriarchal model and the subversion of the 'status quo' that accession to such rights by couples of women, of men (or of people who consider themselves neither) necessarily meant, was deliberately sidelined.

Tolerance was, often explicitly, called for. Tolerance, however, by implying condescendence on behalf of the stronger party, - to whom one should be thankful-, establishes a hierarchy. (Tolerance for Jews is what Heidegger asked of the Nazi Germans in order to avoid turning them into the martyrs of history...).

By seeming to willingly concede rights to homosexuals, the traditional patriarchy felt safeguarded while claiming a clear conscience.

Now, this installation ostensibly discards tolerance.

It takes on the taboo of fetish without flinching.

By portraying it in a gay context, it both discloses and embraces the abominable practices that traditionalist bigots have always attributed to 'homosexual perversion'.

always attributed to 'homosexual perversion'.

By placing it in a subterranean disused public lavatory, it confronts the dominant social model with the centuries of exclusion, sexual repression, abuse, cruelty and injustice, it subjected (and subjects) homosexuals to.

By matching each fetish with an element, it gives it the natural, uncomplicated quality of spontaneity. It effectively dismantles the notion that paraphilia is a mental disorder, which, in any case, is far from being unanimous among psychiatrists, psychologists and sexologists.

By bringing them to the 'Marquês de Pombal', the very centre of Lisbon, it renders them visible, releasing them from the concealment that Christian ideology has long forced upon them.

This painting installation asserts the political character of sex.

In the Freudian-Marxist perspective of Wilhelm Reich, it stresses that control, even suppression, of sexual behaviours is crucial in shaping each individual psyche in accordance with the repressive and authoritarian principles of class society, so as to ensure the hereditary lines of property. This happens mainly through socialization in

children and adolescents, but equally through social coercion in adults. If chastity was initially imposed on the ruling classes, especially on patrician women, sexual repression became the rule in every social class, as the ideology of the dominant classes is both hegemonic and aspirational.

Likewise, rejection by parts of the gay community (at least in public) of any connection with what are considered more 'deviant' practices, reveals its internalization of sexual repression and its adherence to the model of 'granted' tolerance.

Echoing Herbert Marcuse's concept of 'civilization being based on the constant subjection of human instinct', it is the struggle to overcome all sexual repression that is summoned here.

It alone may result in a radically different future.

**Leonel Pedroso Gonçalves**  
Sociologist

Lisbon, 25th August 2020

## behindthegreendoor

### Instalação de Pintura de Barahona Possolo

Aprofundar o abate dos preconceitos, é o ponto de partida desta expo-instalação de pintura. O território da sexualidade ainda é povoado por barreiras e dogmas artificialmente criados pela dominante ideologia judaico-cristã. Muitos de nós lutamos continuamente pela valorização de outras (novas ou velhas) perspectivas sobre este vasto território. A demonização da sexualidade, que, sob a ameaça falaciosa do colapso da civilização, tanto sofrimento impõe à humanidade, é mais evidente nas franjas menos comuns a que chamamos de “fetiches”. Muitos lhes chamariam de “taras”, manifestando sem redundância um julgamento azedo sob a índole da pudicícia e do preconceito.

A Demonização sempre foi a forma de atacar e aniquilar tudo aquilo que era pouco conhecido ou cuja força era considerada demasiado perigosa para o “Status Quo”. Verdade é que as conjunturas e compromissos de poder, que tantas vezes se basearam em mitologias imaginárias e que apenas servem como ferramentas de controle social, mudam. Os detentores do poder instituído, dotados de enorme inteligência prática, vão, por todos os meios, tentar controlar essa mudança, de modo a que ela se processe de forma pacífica e garanta a manutenção do poder nas mesmas mãos.

A minha proposta plástica pretende resgatar do território da transgressão uma série de práticas sexuais, aplicando-lhes a codificação

alquímica dos 5 elementos. A utilização desta linguagem, que serve para manipular conceitos ditos “sagrados” para muitas tradições, pode ser vista como uma blasfêmia, mas pretende evidenciar a presença das mesmas essências em todos os planos da existência humana, neste caso na manifestação da sexualidade, nos seus capítulos de maior complexidade. Procura-se uma integração desta parte, tão facilmente proscrita pelas pessoas (pelo menos em público), restaurando uma “Humanidade”, mosaico grandioso que só se completa com o encaixe da última tessela. A procura desta integração da realidade, manifesta-se aqui, também, na figuração de tipos físicos muito diversos, que pretende combater a ditadura estética feroz predominante que conta com a ajuda dos media e dos interesses de mercado.

O “Selo” alquímico de cada Elemento, em relevo a ouro (metal simbolicamente fundamental), no centro de cada imagem, funciona como chancela, exorcizando as sombras artificialmente criadas. Nesta série, o tema dos fetiches é tratado em quadros de sexo homossexual. Dir-me-ão: é redutor! Digo que é apenas uma variante (é melhor falar daquilo que eu conheço melhor), cuja “especificidade” se dilui quando se trata de fetiches. Como todos sabemos, na dinâmica destas práticas sexuais, as questões de género são, muitas vezes, secundárias ou mesmo irrelevantes. Quando muito, a questão

homossexual poderá acrescentar “pimenta” ao caldo, mas só para os mais antiquados e conservadores, independentemente da sua idade.

Esta instalação é feita, e este é um dado fundamental, numa velha casa de banho pública subterrânea. Como todos sabemos, alguns urinóis podiam ser um território de transgressão para a sexualidade masculina e muitas vezes eram encerrados por “atentado aos costumes”. Esta demonização pretendeu, acima de tudo, perpetuar a ideologia de género tradicional, cuja história tão bem conhecemos. Ao “descermos” ao subsolo para encarar estes “mistérios”, práticas demoníacas para uns, sagradas para outros, estamos a fazer um percurso de psicanálise social. Este percurso inscreve-se num trabalho que é fundamental fazer e que ainda não foi suficientemente estruturado: a libertação masculina. Depois da libertação feminina, que mesmo que incompleta é reconhecida como imperativa e fundamental, e da libertação “gay”, que mesmo que incompleta já é muito mais aceite, falta a libertação masculina, que irá permitir completar as duas anteriores. Quero dizer que, se a Mulher queimou o guião absurdo e violento que a escravizava e se os “Gays” se recusaram a ocupar lugares de miserável marginalidade, falta que o Homem, o macho, se liberte da receita ridícula e feroz que lhe é imposta como “Masculinidade”. Estou a falar do tempo presente, em que, apesar de toda a gama de possibilidades, “ser Homem” ainda é uma receita que violenta tudo e todos, a começar por cada rapaz, desde os primeiros

anos de existência. Esta libertação permitirá que floresça a variedade de categorias de género, que se supõe serem tantas quantas as pessoas vivas. Cada um é, partilhando a mesma e única humanidade, um ser ímpar e irrepetível. Continua a ser necessário que a “Civilização” crie espaço para a expressão de cada indivíduo, no equilíbrio entre o Eu e os Outros.

Dedico esta instalação ao meu estimado colega Doutor Luís Herberto, cuja notável coragem tanto me inspirou.

Um agradecimento muito especial à Junta de Freguesia de Santo António (Lisboa) pela cedência do espaço expositivo e ao Dr. Pedro Simanita Morais, pelo seu auxílio absolutamente precioso. Outro agradecimento muito reconhecido aos amigos: Gonçalo Pinela, Tiago Campino, Portmstr, Miguel Matos, Rafael Maurício, Leonel Gonçalves, Paulo Pereira, Jorge Carlos, José Montoya, Paulo Sobral, que tornaram possível esta aventura. Obrigado, também, ao QueerLisboa pelo apoio na divulgação, à direcção da Villa3, que ajudou à produção e à Dartecor – handmade oil colours que me fornece material de pintura de qualidade superior.

**Carlos Barahona Possollo**

*Lisboa, 24 de Agosto de 2020*



# behindthegreendoor

## Painting Installation by Barahona Possollo

My desire to go further in dismantling prejudice was at the inception of this show/painting installation. Sexuality is an area that is still riddled with restrictions and dogmas that were artificially laid down by the dominant judeo- christian ideology. Many of us continually strive to boost other viewpoints into this vast territory, be they long-lived or cutting-edge. The demonization of sexuality as a fallacious threat to the cohesion of Civilization, which has caused so much suffering to humankind, is even more emphatic in the case of the less frequent fringe practices often referred to as “fetishes”. Many call them derangements, in an acrid judgement hidden under the cloak of chastity and prejudice.

Demonization has always been used to suppress attitudes that have the power to imperil the ‘status quo’ or that are simply unfamiliar . The truth is that social dominance and power structures, which are often based on imaginary myths that are nothing but instruments of control, are liable to change. Those who hold power (and who are obviously clever enough to do so), will always try to buffer change so that it ensures the maintenance of power in the same hands.

This Art project wishes to reclaim a series of sexual practices from the territory of transgression. By classifying them with the alchemical symbols of the five natural

elements, I deliberately use a code that normally applies to concepts which are considered “sacred” in many cultures. This may be seen as blasphemy. Yet it seeks to underline that all levels of human existence bear the same true essence. Such is the case of the most complex aspects of sexual behaviour. In trying to integrate practices which, for most people, are usually banned (at least publically), I pursue the completion of the huge mosaic that is ‘Humankind’ with its last tesserae.

The pursuit to integrate reality is also evident here in the depiction of very diverse physical types, in an effort to counter the brutal aesthetical dictatorship, which is supported by the media and dominant commercial interest.

The gold-relief (gold being an essential symbol) alchemical “Seal” of the elements at the centre of each picture acts as an amulet that helps cast out any haunting dark shadows.

In this series, fetishes are depicted through homosexual scenes. Some will argue that it is narrow-minded and misleading. I say it is just a variation- I’d rather delve into what I know- and gender differences tend to fade out in the case of fetishes, anyway. The fact that these are gay scenes may just add “spice” to the whole affair, in the case of those who are more conservative and old-fashioned, regardless of age.

The venue for this installation is a subterranean ex-public lavatory (a “cottage”). This is a fundamental fact, in this case. As is common knowledge, many public toilets and urinals were the location of male transgressional sexual encounters and were often raided and closed down due to acts of ‘gross indecency’. Once again the demonization of such attitudes sought solely to perpetuate traditional gender ideology, as we all know.

As we literally go ‘underground’ to face such mysteries, unholy to some, sacred to others, we walk a path of social psychoanalysis. A path which is part of a journey that is yet to be outlined: that of Male Liberation. After Women’s Liberation which, though very incomplete, is generally seen as imperative and crucial, and Gay/LGBT Liberation which has gained significant acceptance, Male Liberation will be necessary to complete the previous two. By this I mean that if women have burned the absurd, violent script that enslaved them and gay people have refused the wretched place in society that was ascribed to them, men (mainly heterosexual ‘macho’ men) need to free themselves from the ridiculous yet brutal code that is imposed upon them as ‘masculinity’.

I talk of the Present. Now. When, in spite of all possibilities, being ‘a Man’ is still the screenplay of a violent film in which everyone,

starting with every young boy, is forcefully ravished. This liberation will allow every possible gender category to flourish: as many as there are people. Each one of us shares the same binding humanity but is a unique and inimitable being.

‘Civilization’ still needs to encompass individual expression in a fine balance between the self and others.

**Carlos Barahona Possollo**

*Lisbon, 24th August 2020*





Elemento Ar,  
óleo e folha de ouro sobre madeira | *oil and gold leaf on wood*,  
45x45cm,  
2019

© BARAHONA POSSOLLO



Elemento Água,  
óleo e folha de ouro sobre madeira | *oil and gold leaf on wood*,  
45x45cm,  
2020

© BARAHONA POSSOLLO



Elemento Espírito,  
óleo e folha de ouro sobre madeira | *oil and gold leaf on wood*,  
45x45cm,  
2020

© BARAHONA POSSOLLO



Elemento Terra,  
óleo e folha de ouro sobre madeira | oil and gold leaf on wood,  
45x45cm,  
2020

© BARAHONA POSSOLLO



Elemento Fogo,  
óleo e folha de ouro sobre madeira | *oil and gold leaf on wood*,  
45x45cm,  
2018

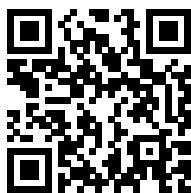
© BARAHONA POSSOLLO



**behindthegreendoor**

**Loja Barahona Possollo Store**

<https://society6.com/barahonapossollo>



As imagens deste catálogo não podem ser reproduzidas sem consentimento do autor

*The images in this catalogue cannot be reproduced without the author's consent*

*APOIO SUPPORT*

